

*Professora do Centro
de Ciências da
Educação da
Universidade Federal
de Santa Catarina, Pós-
doutorado em Tópicos
Específicos da Educação
- The University of
Nottingham
(CAPES, 2001-02).

Correspondência:
Address:
Rua Bosque dos
Eucaliptos, 167
Florianópolis SC
CEP 88063-440
E-mail:
idamara@ced.ufsc.br

O PROFESSOR FACE AO ALUNO COM CEGUEIRA: uma pesquisa sobre representações sociais¹

THE TEACHER OF BLIND PUPILS:
A study on social representations

Ida Mara Freire*

Resumo

Esse estudo buscou investigar as cognições sociais dos professores acerca da categoria definida de alunos com cegueira, pautando-se num referencial teórico-metodológico das Representações Sociais, que tem sido utilizada nos estudos de atitudes, estereótipos e percepções. Os participantes da pesquisa foram 97 professores atuantes no ensino regular e especial, subdivididos em dois grupos respectivamente. O procedimento para coletar os dados constituiu-se de um instrumento contendo itens de identificação dos sujeitos, palavras indutoras para associação livre. Os resultados apontam como a cegueira parece associada à noção de dificuldade pelos dois grupos de professores.

Abstract

This study seeks to investigate teachers' social cognitions on the category of blind students. It is based on a theoretical-methodological framework of Social Representations, which has been used in studies on attitudes, stereotypes and perceptions. The participants in the study were 97 teachers working in regular and special education, sub-divided into two groups, respectively. The data collection procedure consisted of an instrument containing items for identifying the subjects, and inductive words for free association. The results indicate that blindness appears to be associated with the notion of difficulty, by the two groups of teachers.

Artigo enviado em:
07/11/2006
Aprovado em:
21/11/2006

Palavras-chave

Formação de professor; Inclusão; Aluno cego; Representações sociais.

Esse artigo apresentará, em primeiro lugar, uma revisão da bibliografia sobre as representações sociais, no que diz respeito ao fenômeno, ao conceito e a escolha do método. Posteriormente, descreveremos, sumariamente, as principais etapas de tratamento de dados, seguidos dos resultados obtidos, apresentados em tabelas, quadros e gráficos. Seguidos da análise e discussão dos dados.

A construção do objeto

Neste item descreveremos a construção do objeto de nossa pesquisa. Iniciamos definindo que o fenômeno que vamos estudar é a inclusão de alunos com cegueira na rede regular de ensino. A pesquisa se situou no campo das representações sociais, pelas razões inicialmente enumeradas e, também, nas possibilidades que essa teoria oferece para construirmos o nosso objeto de estudo. Nos parece salutar apresentarmos rapidamente algumas considerações sobre a utilização dessa teoria, para propormos uma pesquisa na área de educação. Primeiramente, consideramos relevante dizer que não é sem cautela que fazemos uso de um referencial teórico do qual nos apropriamos pela primeira vez. Somos alertados pelos estudiosos da área, ou seja, pesquisadores que têm como objeto de investigação as representações sociais, ao fazermos uso dessa teoria, reconhecermos que o próprio termo tem sido empregado para designar uma série de eventos no campo do pensamento social. Forjada por Moscovici (1976) a teoria das representações sociais, devida a sua complexidade, leva o próprio autor a admitir que “se a realidade das representações sociais é fácil de captar, o conceito não o é” (SÁ, 1996, p. 30). Como principiantes, buscaremos pautar nosso exercício tendo como referencial alguns trabalhos realizados na referida área.

Na justificativa da pesquisa caracterizamos a inclusão como uma solução para um problema social e optamos por analisar essa solução a partir da psicologia social, considerando, principalmente, as contribuições que esta área pode oferecer à educação especial, uma vez que as interações, a identidade social, as relações intergrupais e interindividuais são parte de seu universo. A aceção de grupo minoritário para as pessoas com necessidades educacionais que nós assumimos neste trabalho é estruturada nos critérios de Simpson e Yinger, citados por Tajfel (1982, p. 351) no capítulo “A psicologia social das minorias”, a saber:

O pressuposto de que “os indivíduos constroem representações sociais sobre a própria estrutura social e as clivagens sociais, e é no quadro das categorias oferecidas por essas representações que se auto-posicionam e desenvolvem redes de relações, no interior das quais se produzem e transformam as representações sociais” (VALA, 1993, p. 381), é de suma importância para a compreensão das interações sociais. Partindo da perspectiva de que o conceito de representações sociais abarca o de atitudes (MOSCOVICI, 1978), e considerando a relevância desse último para a psicologia social, tal como é enfatizado na análise conceitual de Lima (1993), verificamos que a contribuição deste conceito para o nosso trabalho reside no fato de que, “apesar das divergências na sua definição, foi talvez o primeiro a dar identidade à psicologia social, posicionando-se como um elo de ligação entre a psicologia individual e a sociologia na medida em que permitia identificar o posicionamento de um indivíduo específico face à realidade social” (LIMA, 1993, p. 169).

Esta concisa apresentação de conceitos pertinentes à psicologia social tem como objetivo mostrar a sua rica contribuição para o estudo da inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais na rede regular de ensino. Pois, ao reconhecermos estes como pertencentes a um grupo minoritário, identificarmos representações sociais, atitudes e expectativas do professor sobre tal condição, colocamos o problema numa dimensão que mostra o contexto escolar como palco de interações sociais que espelham o cotidiano vivido fora dos muros escolares, onde ainda perpetuam crenças que reforçam o estigma atribuído a estes estudantes.

Após enunciarmos o fenômeno das representações sociais que iremos investigar, passamos ao seguinte passo, que diz respeito a escolha dos sujeitos, como sugere Sá (1998, p. 25) “- em cujas manifestações discursivas e comportamentais investigaremos o conteúdo e a estrutura da representação”. A indagação que nos guiou nesta escolha se estruturou a partir da leitura analítica do ensaio de Sadao Omote (1994), intitulado: deficiência e não-deficiência: retratos do mesmo tecido. Apresentando as diferenças individuais como um problema no contexto das investigações psicológicas. O autor tece as seguintes críticas. Primeiramente, o estudo sobre as deficiências constituem um capítulo à parte na Psicologia, um outro aspecto a ser considerado é que a dinâmica psicossocial da relação entre deficientes e não-deficientes comporta ambigüidades. O autor argumenta que as abordagens centradas na pessoa deficiente ignoram o aspecto político do problema das deficiências e podem obscurecer ou camuflar áreas de possíveis problemas no interior do grupo ou organização, invertendo até a relação



De um certo modo a análise deste artigo, justifica a proposição de nossa pesquisa, definindo, assim, o fenômeno, os sujeitos e o contexto. A inclusão de alunos com cegueira na rede regular de ensino, será aqui apreendida pela percepção dos professores. Vejamos a seguir, a definição do contexto sócio-cultural, de sua natureza e como essa definição pode nos ajudar esclarecer a formação e a manutenção da representação (SÁ, 1998, p. 25).

Inclusão escolar e a atitude do professor

O processo de inclusão escolar e social do aluno com necessidades educacionais especiais tem sido alvo de muitos estudos em diferentes países. Esse processo, como escreve Peter Mittler (2000, p. 25), está atualmente no coração da política educacional e da política social. No campo da educação, a inclusão envolve uma reforma e uma reestruturação das escolas como um todo, com o objetivo de assegurar que todos os alunos possam ter acesso a todas as gamas de oportunidades educacionais e sociais oferecidas na escola. A inclusão parece avigorar-se como a solução de um problema social ao notarmos sua abrangência internacional.

As idéias que muitos destes países preconizam, podem ser exemplificadas no trabalho de Melero (1993, p. 41). Para este autor, uma escola compreensiva que aspira a assumir de forma inclusiva a diversidade é, no seu ponto de vista, o germen para constituir uma sociedade democrática, pluralista e socializadora. Em uma sociedade pluralista há de se aceitar as diferenças e as heterogeneidades das pessoas como potencial para que a sociedade avance e chegue a ser eticamente madura. O autor, consciente dos problemas sociais e econômicos que vivemos atualmente, os quais estão originando o fomento da competitividade em lugar da solidariedade, a seletividade em lugar da sociedade respeitosa e compreensiva, expõe que, apesar de tudo isso, deve-se entender que uma sociedade democrática há de se caracterizar por sua capacidade para desenvolver harmoniosamente um sistema plural e social e apoiar um modelo de ensino compreensivo.



O delineamento da pesquisa

Trata-se de um estudo comparativo sobre as representações sociais de dois grupos de professores diante da integração de alunos com cegueira no ensino regular. Como apresenta Gil (1994, p. 35), “o método comparativo procede pela investigação de indivíduos, classes, fenômenos ou fatos, com vistas a ressaltar as diferenças e similaridades entre eles”.

A representação social é definida por ABRIC (1998) como uma visão funcional do mundo, que, por sua vez, permite ao indivíduo ou ao grupo dar um sentido a suas condutas e compreender a realidade através de seu próprio sistema de referências; permitindo, assim, ao indivíduo se adaptar e encontrar um lugar nesta realidade. JODELET (1989, p. 469-494) conceitua-a como “uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, tendo uma orientação prática concorrendo para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.” A representação social, explica a autora, “é ao mesmo tempo, o produto e o processo de uma atividade mental, através da qual um indivíduo ou um grupo reconstitui a realidade com a qual se confronta e para a qual ele atribui um significado específico” (JODELET, 1989, p. 469-494). Como um sistema da realidade que rege as relações dos indivíduos com o seu meio físico e social, determinando seus comportamentos e suas práticas ou um guia para a ação, orienta as ações e as relações sociais. Apresenta-se como um sistema de pré-codificação da realidade por determinar um conjunto de antecipações e expectativas (ABRIC, 1987).

Os sujeitos do estudo foram selecionados a partir do critério de estarem atuando na instituição escolar da grande Florianópolis. Todos os participantes eram, no momento da coleta de dados, alunos do Curso de Pedagogia “Magister”, habilitação Educação Especial. O total de participantes foram de 97 professores distribuídos em dois grupos: a) professores atuantes no ensino regular e, b) professores atuantes no ensino especial. Os dados foram coletados durante as atividades de aulas do referido Curso, no auditório da Fundação Catarinense de Educação Especial, em São José, Santa Catarina. Tal como explicitado na aplicação dos instrumentos.



exposto, optamos pelo termo “deficiência visual”, por ser esse o mais utilizado no senso comum e entre os professores. Como o nosso trabalho visou conhecer as representações sociais sobre o *aluno cego*, uma análise sobre tais termos será apresentada no transcorrer desse trabalho.

A técnica Associação Livre

Para identificar os elementos constituintes do núcleo central das representações sociais escolhemos aplicar a técnica associação ou evocação livre, que consiste em se pedir aos sujeitos que, a partir de um termo indutor (normalmente, o próprio rótulo verbal que designa o objeto da representação) apresentado pelo pesquisador, digam as palavras ou expressões que lhes tenham vindo imediatamente à lembrança (SÁ, 1996, p.115). Os testes de associação ou evocação livre de palavras têm se mostrado úteis nos estudos de estereótipos, percepções e atitudes, que são elementos importantes na organização das representações sociais (TURA, 1998, p. 125). Os 97 sujeitos foram solicitados a responder por escrito o seguinte enunciado: Diga quais as cinco primeiras palavras que lhe vem à cabeça quando você ouve a palavra “cego”.

A testagem do instrumento

Após elaborarmos uma versão inicial dos instrumentos, realizamos um teste visando a analisar a pertinência e adequação dos instrumentos. Com a finalidade de avaliar os instrumentos, acrescentamos cinco questões, indagando aos juizes sobre a pertinência dos itens apresentados no questionário, como também o grau de dificuldade para respondê-lo.

Um grupo de 12 juizes, correspondendo 10% da amostra dos grupos que pretendíamos investigar, a saber, quatro professores vinculados às instituições da rede de ensino especial, quatro professores vinculados às instituições da rede regular com crianças integradas e quatro professores vinculados à instituição da rede regular de ensino sem crianças integradas.

instrumento auxiliados por um colega. Recordando que o material era anônimo, manteve-se inalterada a não identificação desses sujeitos.

Apresentação e análise dos resultados - perfil dos sujeitos

Os 97 participantes da pesquisa foram identificados a partir das seguintes variáveis, sexo, idade, escolaridade, atuação profissional e experiência com aluno com necessidade educacionais especiais. A maior parte dos sujeitos era do sexo feminino, 89%, e a minoria do sexo masculino, 11%. A faixa etária da maioria dos sujeitos estava acima de 25 anos de idade, com uma expressiva concentração 25 a 39 anos, ou seja 68%. No que se refere aos dados da escolaridade, o gráfico três mostra que a maior porcentagem dos sujeitos estavam cursando o terceiro grau. Foi possível identificar que uma parcela significativa dos sujeitos, 37%, assinalou afirmativamente que já tinha alguma formação em educação especial, ainda que fosse em cursos de curta duração. Verificamos que 56% dos participantes atuavam no ensino especial, frente aos 44% atuantes no ensino regular. Foi a partir desse dado que selecionamos os grupos do nosso estudo. Em relação a experiência com o aluno com necessidade educacionais especiais, notamos já tinham alguma formação em educação especial, ainda que fosse em cursos de curta duração. Apenas 8% dos profissionais tinham de fato experiência de ensino com esse aluno em sua sala de aula. Esse fato pode ser relevante para a análise dos dados relacionados às representações sociais dos professores sobre o aluno cego, a ser descrita posteriormente.

O Núcleo Central das Representações Sociais de “aluno cego”

Afinal, o que é cegueira? A definição frequentemente adotada para determinar a habilitação das pessoas com deficiência visual para

Para o levantamento dos possíveis elementos do núcleo central da representação social do aluno cego, mantida pelas professoras, foi aplicada como um dos itens do questionário a técnica de associação livre de palavras a um grupo de 97 professoras participantes da pesquisa. Os sujeitos foram solicitados a escrever cinco palavras que lhes eram evocados pelos termos “cego” e “aluno” respectivamente. Deste grupo de 97 professoras identificamos, no questionário, 43 vinculados ao ensino regular e um outro grupo de 54 professoras vinculados ao ensino especial. Os dados coletados foram submetidos à análise lexicográfica desenvolvido por Vergès (1992), com o uso do programa EVOC (VERGÈS, 1999). Tal programa combina a frequência das palavras ou expressões emitidas com a ordem de sua evocação (SÁ,1996). Verifica-se que esses critérios favorecem uma aproximação dos elementos centrais ou mais protótipos da representação (SOUZA; CAMARGO, 2002). As professoras evocaram em seu conjunto um total de 591 palavras diferentes; dessas 276 foram evocadas pelas professoras do ensino regular – 132 para a palavra “cego” e 144 para a palavra “aluno”. Em relação aos professoras do ensino especial identificamos 315 associações, dessas 167 evocações para a palavra “cego” e 148 para a palavra “aluno”.

Quadro 1: Frequência das evocações

Evocação	Frequência	
	PE	PR
Dificuldades (30)	14	16
Capaz (19)	11	08
Possibilidade (16)	11	05
Deficiência (16)	07	09
Braille (13)	08	05
Discriminação (12)	06	06

CONTRA PONTOS

Frequência	Ordem Média	
	Inferior a 3,0	Superior a 3,0
Superior ou igual a 8	Capaz (08)	Dificuldades (16)
Inferior a 8	Igualdade(03) Deficiência (09) Integração (04) Discriminação (06) Escuridão (06) Possibilidade (05) Bengala (06)	Braille (05)

Fonte: Dados coletados pela autora

O quadro acima apresenta as respostas dos professores do Ensino Especial e Regular à pergunta: quais são as cinco primeiras palavras que te vêm na mente quando você lê a palavra Cego? Podemos observar que a palavra “dificuldades” se faz presente no quadrante superior direito de ambos os grupos. Essa superposição parece indicar a proximidade da compreensão dos professores, sejam eles ligados ao ensino regular ou especial, sobre o mesmo objeto. Isto é, a palavra cego está fortemente relacionada com a palavra “dificuldades”. Contudo, nos parece relevante investigar seu valor simbólico, considerando as relações que estabelecem com os outros elementos. Por exemplo, será que a palavra “dificuldades” tem o mesmo sentido para ambos os grupos?

O grupo de professores de professores do ensino especial apresenta no quadrante superior esquerdo a palavra “Braille”, essa palavra também é indicada pelo grupo de professores no ensino regular, ainda que seja no quadrante direito inferior, denotando uma relação periférica com a palavra “capaz” presente em ambos os grupo. O mesmo poderia se dizer da palavra “bengala”. Resta saber, ainda, o significado da palavra “dificuldade”. Talvez o conhecimento das cognições sobre o termo indutor “aluno” contribua para esclarecer o sentido.

Quadro 4: Mapeamento da Saliência das Cognições dos Professores sobre a palavra “aluno”

Evocação	Frequência	%
	PE	PR
Capaz (19)	10	09
Conhece (14)	07	07

CONTRA PONTOS

Inferior a 8	Respeito (06) Sujeito (03) Aprendizagem (05) Crítico (02) Possibilidades (01)	Conhecimento (07) Escola (06)
--------------	-------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------

Fonte: Dados coletados pela autora

O grupo de professores parece compreender o aluno como “indivíduo”, “crítico” com “possibilidades”. Enquanto para o grupo de professores do ensino regular o aluno parece ser apreendido como “capaz” e “criança”. Podemos observar que a palavra “capaz” está presente no quadrante superior esquerdo de ambos os grupos. Buscando identificar o entendimento dos professores de ambos os grupos sobre os termos “aluno”, “cego” podemos levantar as hipóteses que para os professores do ensino regular esse pode ser significado como “criança capaz”, enquanto para os professores do ensino especial “indivíduo capaz”.

No entanto, não podemos deixar de ressaltar que as categorias sobre a palavra “cego”, agrupadas a partir das evocações feitas pelas professoras foi associada à “dificuldade”, o que parece demonstrar o desafio que a diferença sensorial ainda representa para o professor. No entanto, os dados também apontam para a “possibilidade”. O que nos faz concordar com os autores Marchesi e Martín (1995, p. 21), quando estes argumentam que

[...] certamente, as atitudes iniciais [do professor] podem ser modificadas. O fator mais decisivo para a mudança é a própria experiência, que pode fazer com que se veja que a integração é possível na prática. Seja como for, uma certa consciência de êxito educacional ou consecução dos objetivos é necessária. Por isso, é importante que a integração seja realizada com as maiores garantias e o máximo rigor no cumprimento dos compromissos assumidos e dos auxílios prometidos. Não se trata de que o professor perceba que o aluno com dificuldades não vai lhe criar problemas para manter sua classe como sempre fez. Trata-se, pelo contrário, de que o professor avalie, de maneira positiva, uma forma diferente de entender a educação, mais diferenciada e adaptada a seus alunos, e que encontre os apoios, meios e instrumentos de formação para que a sua prática profissional seja satisfatória.

Muitas das associações feitas à palavra “cego” pelas professoras podem estar vinculadas a algumas representações relacionadas ao papel que o adulto estabelece na relação como outro. Isto sugere que olhemos as concepções sobre a cegueira a partir do prisma das representações sociais

Podemos perceber que, ao analisarmos as categorias, as professoras, a partir de suas evocações, fazem menção aos Direitos, cremos que este é um tema interessante, pois, percebe-se que atrelada à integração está a lembrança que isto é garantido por lei.

Em nosso trabalho, verificamos que o aprofundamento do conhecimento sobre as dinâmicas que envolvem a inclusão do aluno com necessidades educacionais especiais em nossa sociedade é, atualmente, uma prioridade para pesquisadores da área da educação especial. Pois, sabemos que os resultados provenientes nos facultarão intervir nesta realidade, possibilitando o pleno desenvolvimento deste grupo de alunos em nosso contexto sociocultural.

Considerações finais

Retomando a finalidade e os objetivos da presente pesquisa, verificamos que o intuito de conhecer a cognição social do professor diante do processo de inclusão do aluno com necessidade educacional especial, aqui destacado, o aluno com deficiência visual, foi plenamente alcançado, facilitado pelas decisões de cunho teórico-metodológicas. Análise lexicográfica apreendida sobre os termos “cego” e “aluno” mostraram uma gama de associações que compõem a cognição social dos professores. Levando-nos a inferir que para os professores de maneira geral a inclusão do aluno com cegueira transpassa pela noção de “dificuldade”. Tal constatação, nos convida a voltar aos dados e buscar identificar se essa “dificuldade” diz respeito ao aluno ou ao professor.

A investigação traçou os seguintes objetivos: comparar as representações sociais, as atitudes e as expectativas a respeito do aluno com necessidades educacionais especiais e sua inclusão na rede regular de ensino de dois grupos de professores: (i) atuantes nas instituições de ensino especial; (ii) atuantes nas instituições escolares da rede regular. O objetivo específico foi identificar as representações sociais sobre o aluno cego. Os objetivos do nosso trabalho foram alcançados satisfatoriamente. Comparamos as representações sociais dos dois grupos de professores sobre o aluno cego, percebemos uma sutil diferença relacionada ao termo aluno, os professores

aluno cego e a cegueira. Deixam-nos o desafio que se quisermos mudar os conceitos e nossas representações, teremos, talvez, de começar com uma experiência primordial com esse aluno e ele conosco. Eis surgindo aqui o enunciado de uma nova pesquisa, não sobre representações, mas sobre experiência. Parece-nos, então, que para definir a cegueira faz-se necessário, ir além daquilo que é dado. Devemos nos propor a conhecer a história daquele que não vê. A sua vida perpassa a nossa vida, configurando-se seu modo peculiar de ser no mundo. Um ser singular, contribuindo para a pluralidade do mundo. Um ser não visual, que não usa a visão como sentido prioritário para conhecer o mundo. A cegueira deixa de ser objeto e passa a ser uma experiência perceptiva. Trata-se mais de lidar com a invisibilidade que com a escuridão. A cegueira está para quem não vê, assim como a invisibilidade está para quem vê.

Referências

- ABRIC, J. A Abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A.; OLIVEIRA, D. (org.). *Estudos interdisciplinares de representação social*. Goiana: AB, 1998, p.27-37
- CHAUÍ, M. *Convite à Filosofia*. São Paulo, Editora Ática. 1995.
- DUVVEN, G.; LLOYD, B. *The significance of social identities*. British Journal of Social Psychology. Great Britain, 1986, 25:219-230
- GIL, A.C. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. 4a.ed. Atlas, 1994.
- GUERRERO LÓPEZ, J.F. (1993) *La integración o la superación de la "mentalidad deficiente" sobre el "deficiente mental": una análisis cualitativo del pensamiento pedagógico de un professor*. In: MELERO, M.L. e GUERRERO, J.F. Org. *Lecturas sobre integración escolar y social*. Buenos Aires:Paidós, 1993, p.173-222.
- JODELET, D. La representación social: fenómenos, concepto y teoría. In: MOSCOVICI, Ed.S. *Psicología Social II, pensamiento y vida social, psicología social y problemas sociales*. Barcelona: Paidós, 1986.
- LIMA, M.L.P. *Atitudes*. In: VALA, J. e MONTEIRO, M.B. Coord. *Psicologia Social*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian., 1993, p.167-99.
- LOWENFELD, B. What is Blindness? In: B. Lowenfeld, *Berthold Lowenfeld on blindness and blind people select papers*. New Yorker, American Foundation for the Blind, 1991, p.221, 229.
- MARCHESI, A.; MARTIN, E. Da terminologia do Distúrbio às necessidades educacionais especiais. In: COLL, C.; PALACIOS, J.;MELERO, M.L. *De la reforma educativa a la sociedad del siglo XXI. La integración escolar, otro modo de entender la cultura*. Buenos Aires: Paidós, 1993.
- MITTLER, P. *Educação Inclusiva: contextos sociais*. Porto Alegre, Artmed, 2000.